

RECADO DE PARÍS

RUBEM BRAGA

PARIS, novembro (Via Panam) — Um jornal publicou um artigo sobre Sartre, escrito por um psicanalista.

"Sartre se comporta aparentemente como um homem normal. Além disso faz alguma coisa de estranho: escreve. Escreve para se libertar (sem o saber) de uma visão alucinada de sua infância".

Lembra que na obra de Sartre as cenas de amor envolvem sempre alguma coisa de desagradável ou nojento, e atribui isso ao trauma "Urspiel". Diz que quando o jovem Felipe, no terceiro volume de "Caminhos da liberdade", fala com ódio do padastro, que era general, aquilo na verdade é Sartre falando de seu padastro, que era oficial. O sonho de Roquentin em "A Náusea" (uma surra em Maurice Barrés) representa uma vingança contra o pai. Diz ainda outras coisas difíceis de transcrever, e acaba assim: "Jean-Paul Sartre, homem normal, lúcido e sadio, escreve coisas mórbidas. Mas é precisamente porque ele se liberta de seus complexos escrevendo que ele pode ser esse homem normal, lúcido e sadio. Se Sartre não escrevesse, não se pode afirmar que ele ficaria louco, mas possivelmente correria esse perigo".

Sartre respondeu numa entrevista a outro jornal. Disse que aquilo tudo era "uma tolice". Lembra que não pode ter o "complexo de Edipo", pois, para começo de conversa, não conheceu o pai. Nota que um outro estudo psicanalítico explica sua maneira de escritor exatamente pela ausência de um pai, isto é, de um "super-ego". Afirma que acredita nos dados da psicanálise, mas quando representam um estudo sério. Ele mesmo faz psicanálise, mas psicanálise existencialista, que está para a outra como uma filosofia está para uma técnica. Nega que o Lu-

ciên de "L'Enfance d'un Chef seja um auto-retrato.

"Uma análise grosseiramente feita de todos os meus personagens dará sempre os mesmos resultados, porque eles são todos meus; mas seria preciso levar em conta também a parte de minha liberdade como criador. Ou por outras palavras: eu lhes dei caracteres próprios, mas continuei a ser eu mesmo descrevendo-os. A separação dos dois elementos é extremamente delicada".

Enfim, a relação entre o autor e o personagem é sempre ambígua; e a prova que ele não se identificou com Lucien é que fez deste um patife.

Mudando de assunto, Sartre fala das dificuldades que enfrenta para escrever seu "Tratado de Moral". Isso exige de um certo modo uma filosofia da história; tenciona aprofundar em especial o problema do marxismo. "Seria demasiado fácil e inútil juntar uma nova moral semelhante a todas que a precederam. Ou o homem não é moral ou, se é, o problema moral deve ser colocado de um modo novo. Minha moral não será nem material nem formal; isto é, o ato moral não se definirá nem por um conteúdo nem por uma regra.

O reporter perguntou-lhe porque ele abusa tanto de adjetivos como "visquex" e "gluant", e ele respondeu:

"Meu vocabulário resulta simplesmente de uma necessidade filosófica. Trata-se de procurar equivalências na linguagem comum; sou obrigado a escolher no mundo concreto o que me parece capaz de sugerir certas impressões de perturbação e mal-estar. Esse vocabulário é o de meus romances, porque meus heróis vivem em um nível bastante elevado para ter consciência de seus próprios problemas. Não é o vocabulário de minhas peças".

16.11.50